

Povos Indígenas no Brasil

Fonte GAZETA DE VITÓRIA

Class.: 114

Data 06/01/88

Pg.: _____

Funai protegerá a exploração de erva indígena

Brasília — A 4ª superintendência-regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), sediada em Belém, estará dando início neste mês à execução de um projeto de pesquisa e mapeamento que se destina a permitir a exploração racional do jaborandi, um arbusto que atinge, no máximo, três metros de altura e de onde se extrai a pilocarpina, um alcalóide empregado na fabricação de colírios contra a glaucoma, doença que ataca os olhos. A determinação é do presidente da Funai, Romero Jucah Filho, que defende uma exploração racional que beneficie as comunidades indígenas.

A informação foi prestada pelo superintendente-regional da Funai, em Belém, Salomão Santos, que já recebeu do engenheiro florestal Ricardo Costa, que atua na Divisão do Patrimônio Indígena do órgão, um primeiro esboço do projeto, a ser desenvolvido prioritariamente na reserva Kayapó. A reserva está subordinada à administração regional da Funai instalada no município de Redenção, no sul do Pará. É habitada por cerca de 1.800 índios, distribuídos pelas aldeias garotire, kikretum, kokraymoro kubenranken e aukre.

Denominado "Projeto de Pesquisa e Mapeamento da Espécie Pilocarpus Microphyl-

lus" (uma das sete variedades conhecidas do jaborandi), o trabalho a ser realizado pela Funai tem todo o apoio do presidente Romero Jucá Filho e destina-se, principalmente, a quantificar o potencial de matéria-prima existente na área indígena selecionada, para posterior estudo, exploração e adoção do manejo técnico de rendimento sustentado do jaborandi. Além disso, informa o engenheiro Ricardo Costa, a Funai pretende, a partir dos dados que conseguir levantar, estabelecer uma relação justa de preço entre o produtor e o comprador.

Comércio

Atualmente, segundo o engenheiro, a folha seca do jaborandi está sendo comercializada no Estado do Maranhão, onde alguns laboratórios buscam a matéria-prima para o fabrico do colírio contra a glaucoma, a 50 cruzados o quilo. A folha verde, em contrapartida, é vendida pela metade do preço, porque necessita de um processamento químico superior, a fim de ser adequadamente utilizada para a extração da pilocarpina.

"O que está acontecendo é que, no Pará, a folha, do jaborandi, nas áreas onde esse arbusto ocorre, é comercializada muitas vezes ao preço irrisório de sete cruzados o quilo da folha seca", revela o superintendente Salomão Santos. "É o que a Funai pretende, portanto, é disciplinar esse tipo de atividade, torná-la rentável para o índio, ao mesmo tempo em que procura não permitir que o seu habitat seja atingido por um tipo de exploração predatória, como acontece em tantas áreas".